

JOE ABERCROMBIE



MEIA
GUERRA

MAR DESPEDAÇADO 3





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Teddy

*O homem que está numa soleira desconhecida
Deve ter cautela antes de atravessá-la,
Olhar para um lado e para o outro:
Quem sabe de antemão que inimigos
Podem estar esperando no salão?*

HÁVAMÁL, AS PALAVRAS DO ALTÍSSIMO

I

PALAVRAS SÃO ARMAS

A queda

– PERDEMOS – disse o rei Fynn, fitando sua cerveja.

Enquanto examinava o salão vazio, Skara soube que não havia como negar. No verão anterior, os heróis reunidos tinham se exaltado com suas fanfarrônicas sedentas de sangue, suas canções de glória, suas promessas de vitória sobre a turba do Rei Supremo.

Como acontece frequentemente com os homens, mostraram-se mais ferozes falando do que lutando. Depois de alguns meses preguiçosos, inglorios e sem lucro, foram se afastando um a um, deixando um punhado dos menos sortudos em volta do grande buraco do fogo, cujas chamas iam ficando tão baixas quanto as fortunas de Throvenland. Antigamente a Floresta de muitas colunas ficava apinhada de guerreiros, mas agora estava povoada por sombras, repleta de decepções.

Tinham perdido. E nem tinham chegado a travar uma batalha.

Mãe Kyre, claro, via tudo de modo diferente.

– Chegamos a um acordo, meu rei – corrigiu ela, mordiscando a carne meticulosamente como uma égua velha diante de um fardo de feno.

– Acordo? – Skara esfaqueou furiosamente a comida intocada. – Meu pai morreu para sustentar o Promontório de Bail e você entregou a chave a avó Wexen sem que um único soco fosse dado. Você prometeu passagem livre por nossas terras aos guerreiros do Rei Supremo! Como acha que seria “perder”?

Mãe Kyre encarou Skara com a calma enfurecedora de sempre.

– Seu avô morto e enterrado, as mulheres de Yaletoft chorando junto aos cadáveres dos filhos, este salão transformado em cinzas e você, princesa, usando uma argola de escrava presa por uma corrente ao trono do Rei Supremo. É *assim* que eu acho que seria “perder”. Por isso é que digo que *chegamos a um acordo*.

Despido de seu orgulho, o rei Fynn estava frouxo como uma vela sem mastro. Skara sempre havia pensado que o avô era invencível, tanto

quanto o Pai Terra. Não suportava vê-lo assim. Ou talvez não suportasse ver como sua crença nele tinha sido infantil.

Observou-o tomar mais cerveja, arrotar e empurrar a taça dourada para o lado, para que a enchessem de novo.

– O que você diz, Jenner, o Azul?

– Diante de pessoas tão nobres, meu rei, o mínimo que eu puder.

Jenner era um velho pedinte astuto, mais adepto da pirataria do que do comércio, o rosto cinzelado e marcado tão grosseiramente quanto uma velha carranca de proa. Se Skara estivesse no comando, ele não teria permissão de atracar em seu cais, quanto mais de estar em sua mesa elevada.

Mãe Kyre, claro, via tudo de modo diferente.

– Um capitão é como um rei, mas de um navio, e não de um país. Sua experiência poderia beneficiar a princesa Skara.

Que indignidade!

– Uma lição de política vinda de um pirata – murmurou Skara. – E nem mesmo um pirata bem-sucedido.

– Não murmure. Quantas horas passei lhe ensinando o modo certo de uma princesa falar? De uma rainha falar? – Mãe Kyre ergueu o queixo e fez sua voz ecoar sem esforço nos caibros do teto. – Se acha que seus pensamentos devem ser ouvidos, pronuncie-os com orgulho, mande-os até cada canto da câmara, preencha o salão com suas esperanças e desejos e faça com que cada ouvinte os compartilhe! Se tem vergonha de seus pensamentos, é melhor ficar em silêncio. Um sorriso não custa nada. O que você estava dizendo mesmo? – perguntou ela ao pirata.

– Bom... – Jenner coçou os poucos fios grisalhos que ainda se agarravam ao crânio manchado de sol, evidentemente um lugar que os pentes desconheciam. – Avó Wexen esmagou a rebelião nas Terras Baixas.

– Com a ajuda daquele cão dela, Yilling, o Brillhante, que não adora nenhum deus a não ser a Morte. – O avô de Skara pegou sua taça enquanto o escravo ainda servia, fazendo a cerveja se derramar na mesa. – Dizem que ele pôs uma fileira de homens enforcados por toda a estrada até Skekenhouse.

– Os olhos do Rei Supremo se voltam para o norte – continuou Jenner. – Ele está decidido a fazer com que Uthil e Grom-gil-Gorm se ajoelhem, e Throvenland...

– Está no caminho – concluiu mãe Kyre. – Não afrouxe o corpo, Skara, não é adequado.

Skara fechou a cara, mas ainda assim elevou os ombros um pouco pelo encosto da cadeira, mais perto da pose horrivelmente artificial, rígida feito tábua, de pescoço esticado, que a ministra aprovava. *Sente-se como se tivesse uma faca no pescoço*, ela sempre dizia. *O papel de uma princesa é não estar confortável.*

– Sou um homem acostumado a viver livre e não amo avó Wexen nem sua Divindade Única, nem seus impostos, nem suas regras. – Jenner esfregou o maxilar torto, parecendo lamentar. – Mas, quando a Mãe Oceano instiga a tempestade, um capitão faz o que precisa para salvar o que puder. A liberdade não vale nada para os mortos. O orgulho vale pouco até mesmo para os vivos.

– Sábias palavras. – Mãe Kyre balançou o dedo para Skara. – Os derrotados podem vencer no futuro. Os mortos perderam para sempre.

– É difícil distinguir sabedoria de covardia – reagiu Skara rispidamente. A ministra trincou os dentes.

– Juro que eu lhe ensinei modos mais sensatos, a não insultar um convidado. A nobreza não é demonstrada pelo respeito que damos aos mais elevados, mas pelo respeito que dedicamos aos mais baixos. Palavras são armas. Devem ser manuseadas com o cuidado adequado.

Jenner descartou gentilmente qualquer insinuação de ofensa.

– Sem dúvida a princesa Skara tem o direito de dizer isso. Conheci muitos homens mais corajosos do que eu. – Ele deu um sorriso triste, exibindo dentes tortos com várias falhas. – E vi a maioria ser enterrada, um a um.

– Coragem e vida longa raramente andam juntas – comentou o rei, esvaziando a taça de novo.

– Reis e cerveja também não deveriam andar – retrucou Skara.

– Não me resta nada além da cerveja, minha neta. Meus guerreiros me abandonaram. Meus aliados me deixaram. Fizeram juramentos de tempo bom, firmes como carvalho enquanto a Mãe Sol brilhava, e definharam quando as nuvens apareceram.

Isso não era segredo. Dia após dia, Skara tinha observado as docas, ansiosa para ver quantos navios o rei de ferro Uthil, de Gettland, traria,

quantos guerreiros acompanhariam o famoso Grom-gil-Gorm, de Vanserland. Dia após dia, as folhas brotavam, depois lançavam uma sombra pintalgada, em seguida ficavam marrons e caíam. Eles nunca vieram.

– A lealdade é comum entre os cães, porém rara entre os homens – afirmou mãe Kyre. – Um plano que dependa da lealdade é pior do que plano nenhum.

– E um plano que dependa da covardia? – perguntou Skara.

O avô se virou para ela com olhos enevoados e hálito de cerveja, parecendo muito velho. Velho e derrotado.

– Você sempre foi corajosa, Skara. Mais do que eu. Sem dúvida o sangue de Bail corre nas suas veias.

– Seu sangue também, meu rei! O senhor sempre me disse que apenas meia guerra é travada com espadas. A outra metade é travada aqui.

Skara pressionou um dedo contra a lateral da cabeça com tanta força que doeu.

– Você sempre foi inteligente, Skara. Mais do que eu. Os deuses sabem que você pode convencer os pássaros a descerem do céu quando isso lhe interessa. Trave essa meia guerra, então. Use sua astúcia profunda para mandar os exércitos do Rei Supremo embora e salvar nossa terra e nosso povo da espada de Yilling, o Brillhante. Isso pode me poupar da vergonha das condições impostas por avó Wexen.

Com o rosto queimando, Skara olhou para o chão forrado de palha.

– Eu gostaria de poder fazer isso.

Mas, mesmo com o sangue de Bail, ela era uma garota de dezessete invernos e sua cabeça não tinha respostas de heroína.

– Sinto muito, vovô.

– Eu também, criança. – O rei Fynn arriou o corpo de novo e sinalizou pedindo mais cerveja. – Eu também.

– SKARA.

A princesa foi arrancada dos sonhos perturbados direto para a escuridão, com o rosto fantasmagórico de mãe Kyre à luz de uma vela bruxuleante.

– Skara, levante-se.

Ela empurrou as peles para longe, desajeitada de sono. Havia sons estranhos lá fora. Gritos e risos.

Skara esfregou os olhos.

– O que é?

– Você precisa ir com Jenner, o Azul.

Então Skara viu o mercador espreitando junto à porta do quarto. Uma figura negra, de cabeça desgrenhada, olhos voltados para o chão.

– O quê?

Mãe Kyre puxou-a pelo braço.

– Você precisa ir *agora*.

Skara ia argumentar. Como sempre. Então viu a expressão da ministra, que a fez obedecer sem dizer uma palavra. Nunca tinha visto mãe Kyre com medo antes.

Não havia mais risos lá fora. Eram choros. Vozes exaltadas.

– O que está acontecendo? – conseguiu perguntar, rouca.

– Cometi um erro terrível. – Os olhos de mãe Kyre se viraram brusca-mente na direção da porta e voltaram. – Confiei em avó Wexen.

Ela torceu o bracelete de ouro do braço de Skara, arrancando-o. O bracelete que Bail, o Construtor, tinha usado uma vez em batalha, o rubi escuro como sangue recém-derramado cintilando à luz da vela.

– Isso é para você. – Ela o estendeu para Jenner. – Se jurar levá-la em segurança a Thorlby.

O pirata olhou para cima, culpado, enquanto pegava a joia.

– Juro. Um juramento solar e um juramento lunar.

Mãe Kyre apertou as mãos de Skara com uma força dolorosa.

– Aconteça o que acontecer, você deve viver. Esse é o seu dever agora. Deve viver e deve liderar. Deve lutar por Throvenland. Deve defender o povo daqui se... se não houver mais ninguém.

A garganta de Skara estava tão apertada de medo que ela mal conseguia falar.

– Lutar? Mas...

– Eu lhe ensinei como. Tentei ensinar. Palavras são armas. – A ministra enxugou o rosto de Skara, lágrimas que ela nem tinha percebido que havia derramado. – Seu avô estava certo: você é corajosa e inteligente. Mas agora precisa ser forte. Você não é mais criança. Lembre-se sempre: o sangue de Bail corre nas suas veias. Agora vá.

Skara foi andando descalça pela escuridão, atrás de Jenner, o Azul, tremendo na camisola fina. As lições de mãe Kyre estavam enraizadas tão profundamente que, mesmo enquanto temia pela vida, ela se preocupava, pensando se estava vestida de forma adequada. Chamas além das janelas estreitas lançavam sombras que golpeavam o chão coberto de palha. Ouviu gritos de pânico. Um cachorro latindo, interrompido de súbito. Uma pancada forte como a de uma árvore sendo derrubada.

Como de machados na porta.

Entraram no quarto de hóspedes, onde guerreiros tinham dormido ombro a ombro alguns meses antes. Agora só havia o cobertor puído de Jenner.

– O que está acontecendo? – sussurrou ela, mal reconhecendo a própria voz, que saía tão fina e falha.

– Yilling, o Brilhante, veio com seus Companheiros cobrar as dívidas para avó Wexen. Yalstof já está pegando fogo. Sinto muito, princesa.

Skara se retraiu no momento em que Jenner passou alguma coisa em volta do pescoço dela. Uma argola de prata torcida, com uma corrente fina que tilintava debilmente. Do tipo que a garota ingling que costumava prender seu cabelo usava.

– Sou escrava? – sussurrou ela enquanto Jenner prendia a outra ponta em seu pulso.

– Deve parecer que é.

Skara se encolheu ao ouvir um estrondo lá fora, o choque de metal, e Jenner a comprimiu contra a parede. Ele soprou a vela, deixando-os na escuridão, e sacou uma lâmina, com o Pai Lua brilhando no gume.

Agora havia uivos do outro lado da porta, agudos e horríveis, ruídos de feras, e não vozes de homens. Skara fechou os olhos com força, as lágrimas ardendo nas pálpebras, e rezou. Orações murmuradas, gaguejantes, sem sentido. Orações para todos os deuses e para deus nenhum.

É fácil ser corajoso quando a Última Porta parece minúscula devido à distância, uma coisa remota que não preocupava. Agora Skara sentia no pescoço o hálito gelado da Morte, que congelava sua coragem. Com que liberdade tinha falado de covardia na noite anterior! Agora entendia o que era.

Um último berro longo, depois um silêncio quase pior do que o som havia sido. Sentiu-se puxada para a frente, com o bafo rançoso de Jenner no rosto.

– Precisamos ir.

– Estou com medo – sussurrou ela.

– Eu também. Mas, se os encararmos com ousadia, podemos convencê-los a nos deixar sair livres. Já se nos encontrarem escondidos...

Você só pode dominar os temores enfrentando-os, costumava dizer seu avô. *Esconda-se e eles a dominam*. Jenner abriu uma fresta na porta e Skara se obrigou a passar atrás dele, as pernas tremendo tanto que os joelhos quase se chocavam.

Os pés descalços da princesa escorregaram em algo úmido. Um homem morto estava sentado do lado de fora da porta, a palha ao seu redor negra de sangue.

Borid era o nome dele. Um guerreiro que tinha servido ao pai de Skara. Tinha carregado a jovem nos ombros quando ela era pequena para poder alcançar os pêssegos no pomar embaixo das muralhas do Promontório de Bail.

O olhar ardente de Skara se virou na direção do som de vozes. Enxergou armas quebradas e escudos rachados. E mais cadáveres, encurvados, esparramados, arreganhados em meio às colunas esculpidas que davam o nome de Floresta ao salão do avô.

Figuras se reuniam à luz da fogueira meio apagada. Guerreiros célebres, cotas de malha, armas e argolas-dinheiro reluzindo com as cores do fogo, as sombras grandes se estendendo pelo piso na direção dela.

Mãe Kyre estava entre eles e o avô de Skara também, com a malha mal ajustada, vestida às pressas, o cabelo grisalho ainda revoltado da cama. Sorrindo afavelmente junto aos dois prisioneiros estava um guerreiro esguio, com o rosto suave e bonito despreocupado como o de uma criança. Ao seu redor, havia um espaço onde nem os outros matadores ousavam pisar.

Yilling, o Brilhante, que não adorava nenhum deus a não ser a Morte. Sua voz ecoou vivamente no salão vasto.

– Eu esperava prestar meus respeitos à princesa Skara.

– Ela está com a prima Laithlin – disse mãe Kyre. A mesma voz que tinha calmamente ensinado, corrigido e censurado Skara em todos os

dias de sua vida, mas agora com um tremor aterrorizado. – Onde você jamais vai alcançá-la.

– Ah, vamos alcançá-la, sim – afirmou um dos guerreiros de Yilling, um homem enorme com o pescoço largo como o de um touro.

– Logo, logo, mãe Kyre, logo, logo – falou outro, com uma lança alta e uma trombeta no cinto.

– O rei Uthil virá – disse ela. – Vai queimar seus navios e empurrar vocês de volta para o mar.

– Como ele vai queimar meus navios se eles estão em segurança atrás das grandes correntes do Promontório de Bail? – perguntou Yilling. – As correntes cuja chave você me deu.

– Grom-gil-Gorm virá – continuou ela, mas sua voz tinha se tornado quase um sussurro.

– Espero que sim. – Yilling estendeu as mãos e, com grande gentileza, empurrou os cabelos de mãe Kyre para trás, por cima dos ombros. – Só que já será tarde demais para vocês.

Yilling desembainhou uma espada que tinha um grande diamante preso a uma garra de ouro no lugar do botão, o aço espelhado cintilando tão brilhante na escuridão que deixou uma mancha branca na visão de Skara.

– A Morte espera por todos nós.

O rei Fynn respirou longamente pelo nariz e se empertigou com orgulho. Um vislumbre do homem que ele tinha sido. Perscrutou o salão em volta e, por entre as colunas, captou o olhar de Skara. Pareceu a ela que o avô deu o menor dos sorrisos. Depois se ajoelhou.

– Hoje você mata um rei.

Yilling deu de ombros.

– Reis, camponeses... Todos somos iguais para a Morte.

Então golpeou o avô de Skara no ponto em que o pescoço encontra o ombro, a lâmina se projetando até o punho e de volta, veloz e mortal como um raio. O rei Fynn soltou apenas um guincho seco e tombou com o rosto para a frente no buraco do fogo. Skara ficou imóvel, a respiração travada, a mente travada.

Mãe Kyre fitou o cadáver de seu senhor.

– Avó Wexen me p-prometeu – gaguejou ela.

Plic plac, plic plac, o sangue pingava da ponta da espada de Yilling.

– Só os fracos se sentem presos pelas promessas.

Ele girou, ágil como um dançarino, o aço reluzindo nas sombras. Houve um jorro negro e a cabeça de mãe Kyre rolou pelo chão, o corpo tombando como se não tivesse nenhum osso.

Skara ofegou, trêmula. Só podia ser um pesadelo. Um delírio febril. Queria se deitar. Suas pálpebras estremeçeram, o corpo se afrouxou, mas a mão de Jenner estava em volta do seu braço, apertando-o dolorosamente.

– Você é uma escrava – sibilou ele, dando-lhe um puxão forte. – Não diz nada. Não entende nada.

Ela tentou acalmar a respiração chorosa enquanto passos leves vinham na direção dos dois. Ao longe, alguém tinha começado a gritar e não parava.

– Ora, ora – disse a voz suave de Yilling. – Esses dois não são daqui.

– Não, senhor. Meu nome é Jenner, o Azul.

Skara não conseguia compreender como ele era capaz de parecer tão amistoso, firme e razoável. Se ela tivesse aberto a boca, tudo que sairia seriam soluços.

– Sou mercador e tenho a licença do Rei Supremo – continuou Jenner. – Acabo de voltar pelo rio Divino. Estávamos indo para Skekenhouse e fomos tirados do curso por uma tempestade.

– Você deve ter feito amizade rápido com o rei Fynn, para ser hóspede no castelo.

– Um mercador sábio é amigo de todos, senhor.

– Você está suando, Jenner.

– Honestamente, o senhor me aterroriza.

– É mesmo um mercador sábio.

Skara sentiu um toque suave sob o queixo e sua cabeça foi inclinada para trás. Fitou o rosto do homem que tinha acabado de assassinar as duas pessoas que a haviam criado, com o sorriso ainda sujo do sangue deles, perto o suficiente para que ela conseguisse contar as sardas em seu nariz.

Yilling esticou os lábios grossos e soltou um assobio agudo.

– E comerciante de boas mercadorias.

O homem passou a mão pelo cabelo de Skara, enrolou uma mecha nos dedos compridos e puxou, de modo que seu polegar roçou no rosto dela.

Você deve viver e deve liderar. Ela sufocou o medo. Sufocou o ódio. Forçou o rosto a ficar inexpressivo. Um rosto de escrava, sem demonstrar nada.

– Você trocaria isso comigo, mercador? – perguntou Yilling. – Pela sua vida, talvez?

– Faria isso com alegria, senhor – respondeu Jenner.

Skara sabia que mãe Kyre era idiota em confiar nesse patife. Respirou fundo, prestes a xingá-lo, e os dedos nodosos dele apertaram seu braço com ainda mais força.

– Mas não posso – acrescentou Jenner.

– Pela minha experiência, e eu tenho muita experiência bem sangrenta... – Yilling ergueu a espada rubra e a encostou no rosto dele, como uma menina faria com sua boneca predileta, o diamante do botão flamejando em fagulhas vermelhas, cor de laranja e amarelas. – Uma lâmina afiada corta toda uma corda feita de “não posso”.

O calombo na garganta grisalha de Jenner subiu e desceu enquanto ele engolia em seco.

– Ela não é minha, não posso vendê-la. É um presente. Do príncipe Varoslaf de Kalyiv para o Rei Supremo.

– Eca. – Yilling baixou a espada lentamente, deixando uma mancha longa e vermelha no rosto de Jenner. – Ouvi dizer que Varoslaf é temido pelos homens sábios.

– Ele tem pouquíssimo senso de humor, é verdade.

– À medida que o poder do homem cresce, seu bom humor encolhe. – Yilling franziu a testa, fitando a trilha de pegadas sangrentas que tinha deixado entre as colunas. Entre os cadáveres. – O Rei Supremo também é assim. Não seria prudente pegar um presente trocado entre os dois.

– Foi exatamente o que pensei por todo o caminho desde Kalyiv – disse Jenner.

Yilling estalou os dedos com um ruído igual ao de uma chicotada, os olhos subitamente luminosos com entusiasmo juvenil.

– Eis o que penso! Vamos jogar uma moeda. Se der cara, você pode levar essa coisinha bonita para Skekenhouse e deixar que ela lave os pés do Rei Supremo. Se der coroa, eu mato você e faço um uso melhor dela.

– Ele deu um tapa no ombro de Jenner. – O que diz, meu novo amigo?

– Digo que avó Wexen pode tomar essa atitude como uma ofensa.

– Ela toma tudo como ofensa. – Yilling deu um sorriso largo, a pele lisa em volta dos olhos se enrugando com vincos amistosos. – Mas eu me curvo à vontade de apenas uma mulher. Não de avó Wexen, nem da Mãe Oceano, nem da Mãe Sol, nem mesmo da Mãe Guerra. – Ele jogou uma moeda para o alto, no espaço abençoado da Floresta, o ouro reluzindo. – Só da Morte.

Ele pegou a moeda nas sombras.

– Rei ou camponês, alto ou baixo, forte ou fraco, sábio ou tolo. A Morte espera por todos nós.

Yilling abriu a mão, a moeda brilhando na palma.

– Hum... – Jenner olhou-a com as sobrancelhas erguidas. – Acho que ela pode esperar por mim um pouco mais.

AFASTARAM-SE ÀS PRESSAS pelos destroços de Yaletoft, a palha em chamas balançando ao vento quente, a noite cheia de gritos, rogos e choros. Skara mantinha o olhar fixo no chão, como toda boa escrava devia fazer, agora sem ninguém para lhe dizer para não afrouxar os ombros, o medo se derretendo lentamente em culpa.

Pularam a bordo do navio de Jenner e zarparam, a tripulação murmurando preces de agradecimento ao Pai Paz por terem sido poupados da carnificina, os remos rangendo num ritmo constante enquanto deslizavam entre os barcos dos agressores, saindo ao mar. Skara se deixou cair no meio da carga, a culpa convertendo-se aos poucos em tristeza à medida que as chamas tomavam o lindo salão do rei Fynn e levavam junto sua vida anterior dentro dele, a grande empena esculpida se destacando negra contra o fogo, depois desabando num jorro de fagulhas em redemoinho.

O incêndio de tudo que ela conhecia foi se distanciando. Yaletoft era um ponto incandescente na distância escura, os panos das velas estalando enquanto Jenner ordenava que o navio virasse para o norte, em

direção a Gettland. Skara ficou de pé olhando para trás, para o passado. As lágrimas secavam no rosto, a tristeza se congelava numa massa de fúria gélida, dura como ferro.

– Verei Throvenland livre – sussurrou, cerrando os punhos. – O salão de meu avô reconstruído e a carcaça de Yilling, o Brilhante, deixada para os corvos.

– Por enquanto vamos nos ater a mantê-la viva, princesa.

Jenner tirou a argola de escrava, depois enrolou sua capa em volta dos ombros trêmulos de Skara.

Ela o encarou, esfregando suavemente as marcas no pescoço.

– Julguei você mal, Jenner, o Azul.

– Seu julgamento é astuto. Já fiz coisa muito pior do que você achou que eu faria.

– Por que arriscar sua vida pela minha, então?

Jenner pareceu pensar um momento, coçando o queixo, depois deu de ombros.

– Porque não há como mudar o passado, só o futuro. – Ele colocou alguma coisa na mão dela. O bracelete de Bail, com o rubi reluzindo ao luar. – Acho que isso é seu.

Sem paz

– QUANDO ELES estarão aqui?

Pai Yarvi estava sentado de maneira relaxada, encostado numa árvore, as pernas cruzadas, com um livro de aparência antiga sobre os joelhos. Podia até parecer que dormia se os olhos não se movessem para um lado e para o outro, acompanhando a escrita por baixo das pálpebras pesadas.

– Sou um ministro, Koll, não um vidente – murmurou.

Koll franziu a testa para as oferendas na clareira. Pássaros sem cabeça, jarros transbordando cerveja e feixes de ossos balançando amarrados em barbante. Um cachorro, uma vaca, quatro ovelhas, tudo pendurado de cabeça para baixo em galhos com runas escavadas, moscas se ocupando nas gargantas cortadas.

Havia um homem também. Um escravo, pelas marcas de atrito no pescoço, um círculo de runas escrito desajeitadamente nas costas, os nós dos dedos roçando o chão ensanguentado. Um belo sacrifício para Aquele que Germina a Semente, feito por alguma mulher rica e ansiosa por um filho.

Koll não gostava muito de lugares santos. Faziam-no se sentir vigiado. Gostava de pensar que era um sujeito honesto, mas todo mundo tem seus segredos. Todo mundo tem suas dúvidas.

– Que livro é esse? – perguntou.

– É um tratado sobre relíquias élficas escrito há duzentos anos pela irmã Slodd de Reerskoft.

– Mais ensinamentos proibidos, hein?

– De um tempo em que o Ministério se concentrava em obter conhecimento em vez de suprimi-lo.

– Só o que é conhecido pode ser controlado – murmurou Koll.

– E todo conhecimento, como todo poder, pode ser perigoso nas mãos erradas. O que importa é o uso feito dele.

Pai Yarvi lambeu a ponta do dedo único e torto na mão esquerda mirrada para virar a página.

Koll franziu os olhos na direção da floresta silenciosa.

– Precisávamos chegar tão cedo?

– Em geral a batalha é vencida por quem chega primeiro.

– Achei que vínhamos falar de paz.

– As discussões sobre paz são o campo de batalha do ministro.

Koll deu um suspiro que fez seus lábios tremelicarem. Empoleirou-se num toco na borda da clareira, a uma distância cautelosa de qualquer oferenda, e pegou a faca e o pedaço de madeira de freixo à qual já havia mais ou menos dado forma: Aquela que Golpeia a Bigorna, com o martelo levantado. Daria de presente a Rin quando voltasse a Thorlby. Se voltasse e não acabasse pendurado numa árvore nessa clareira. Tremelicou os lábios de novo.

– Os deuses lhe deram muitos dons – murmurou pai Yarvi, sem erguer os olhos do livro. – Mãos hábeis e inteligência aguçada. Uma bela cabeleira cor de areia. Um senso de humor ligeiramente exaltado. Mas você quer ser um grande ministro e estar junto ao ombro de reis?

Koll engoliu em seco.

– O senhor sabe que sim, pai Yarvi. Mais do que qualquer coisa.

– Então tem muito a aprender. Em primeiro lugar, paciência. Foque sua mente de mariposa e um dia você poderá mudar o mundo, como sua mãe queria.

Koll repuxou a tira de couro em volta do pescoço, sentiu os pesos pendurados batendo juntos sob a camisa. Os pesos que sua mãe, Safrit, usava como vendedora, para fazer medições justas. *Seja corajoso, Koll. Seja o melhor homem que você puder ser.*

– Pelos deuses, ainda sinto saudade dela – murmurou.

– Eu também. Agora fique quieto e preste atenção no que eu faço.

Koll soltou os pesos.

– Meus olhos estão enraizados no senhor, pai Yarvi.

– Feche-os. – O ministro fechou o livro com um estalo e se levantou, espanando as folhas mortas das costas do casaco. – E escute.

Passos, vindo até eles pela floresta. Koll guardou a escultura, mas ficou com a faca, despontando da manga. Palavras bem escolhidas resolvem a maior parte dos problemas, só que, por sua experiência, o aço bem afiado é ótimo para lidar com os que sobram.

Uma mulher saiu do meio das árvores, vestindo o preto dos ministros. Seu cabelo vermelho-fogo era raspado nas laterais, com runas tatuadas na pele em volta das orelhas, o resto penteado com gordura, formando uma barbatana espetada. O rosto era duro, tornado mais duro ainda pelos músculos que se retesavam enquanto ela mastigava casca de sonhador, os cantos dos lábios manchados com o roxo da planta.

– Chegou cedo, mãe Adwyn.

– Não tão cedo quanto você, pai Yarvi.

– Mãe Gundring sempre me disse que era falta de educação ser o segundo a chegar a um encontro.

– Espero que você perdoe minha grosseria, então.

– Depende das palavras que você trouxe de avó Wexen.

Mãe Adwyn ergueu o queixo.

– Seu senhor, o rei Uthil, e o aliado dele, Grom-gil-Gorm, violaram os juramentos feitos ao Rei Supremo. Deram um tapa na mão de amizade que ele estendeu e desembainharam espadas contra ele.

– A mão de amizade dele pesava muito sobre nós. Dois anos depois de a afastarmos, descobrimos que podemos respirar com mais facilidade. Dois anos e o Rei Supremo não tomou nenhuma cidade, não venceu nenhuma batalha...

– E que batalhas Uthil e Gorm travaram? A não ser que você conte as que travam diariamente um contra o outro.

Adwyn cuspiu sumo com o canto da boca e Koll ficou remexendo inquieto um fio solto na manga da blusa. Ela havia acertado perto do alvo.

– Vocês desfrutaram de alguma sorte, irmão Yarvi, porque o olho do Rei Supremo esteve voltado para a rebelião nas Terras Baixas. Uma rebelião que, pelo que eu soube, você ajudou a provocar.

Yarvi pestanejou, cheio de inocência.

– E eu lá posso fazer homens se rebelarem a centenas de quilômetros de distância? Sou mago?

– Algumas pessoas dizem que é, mas a magia, a sorte ou a astúcia não vão mudar nada agora. A rebelião foi esmagada. Yilling, o Brilhante, duelou com os três filhos de Hokon e os matou um a um. Sua habilidade com a espada é inigualável.

Pai Yarvi espiou a unha única em sua mão mirrada, como se quisesse verificar se sua aparência estava boa.

– O rei Uthil talvez discorde. Ele teria derrotado todos aqueles irmãos ao mesmo tempo.

Mãe Adwyn ignorou a fanfarronice.

– Yilling é um novo tipo de homem, com novas maneiras de agir. Ele passou a espada nos violadores de juramentos e seus Companheiros queimaram os salões deles com as famílias dentro.

– Famílias queimadas. – Koll engoliu em seco. – Que progresso.

– Talvez você tenha ouvido o que Yilling fez em seguida, não?

– Ouvi dizer que ele é um tremendo dançarino – falou Koll. Ele dançou?

– Ah, sim. Atravessando os estreitos até Yaletoft, onde fez uma visita ao infiel rei Fynn.

Silêncio, então, e uma brisa agitou as folhas, fazendo as oferendas rangerem nos galhos e provocando um arrepio no pescoço de Koll. A mastigação de mãe Adwyn provocava um leve som úmido enquanto ela sorria.

– Ah, seu bobo da corte não consegue fazer piada com isso. Yaletoft está em ruínas, o salão do rei Fynn virou cinzas e seus guerreiros estão espalhados aos ventos.

Yarvi franziu ligeiramente a testa.

– E o rei?

– Está do outro lado da Última Porta, com a ministra. A morte deles estava escrita desde o momento em que você os enganou para entrarem em sua pequena aliança dos condenados.

– No campo de batalha não existem regras – murmurou pai Yarvi. – São novos modos de agir, de fato.

– Yilling já está espalhando fogo por Throvenland, preparando o caminho para o exército do Rei Supremo. Um exército mais numeroso do que os grãos de areia na praia. O maior exército que já marchou desde que os elfos fizeram guerra contra a Divindade. Antes do solstício de verão eles estarão diante dos portões de Thorlby.

– O futuro é uma terra envolta em névoa, mãe Adwyn. Pode surpreender todos nós.

– Não é preciso ser profeta para ver o que virá. – Ela pegou um rolo de pergaminho e o abriu. Estava densamente rabiscado com runas. – Avó

Wexen vai anunciar que você e a rainha Laithlin são feiticeiros e traidores. O Ministério vai declarar que esse dinheiro de papel dela é magia élfica e quem o usar será considerado pária e fora da lei.

Koll levou um susto quando ouviu um graveto se partir em algum lugar do mato.

– Vocês serão cortados do mundo, assim como Uthil, Gorm e quem ficar do lado deles.

E então os homens apareceram. Homens de Yutmark, pelo que indicavam as fivelas quadradas da capa e os escudos longos. Koll contou seis e ouviu pelo menos mais dois atrás dele, mas se obrigou a não se virar.

– Espadas desembainhadas? – perguntou pai Yarvi. – No terreno sagrado do Pai Paz?

– Nós rezamos à Divindade Única – rosou o capitão, um guerreiro de elmo com acabamento em ouro. – Para nós isso não passa de sujeira.

Koll fitou os rostos severos e as lâminas afiadas apontadas para ele, sentindo a palma da mão escorregadia no cabo da faca escondida.

– Isso é que é apuro – guinchou ele.

Mãe Adwyn deixou o pergaminho cair.

– Mas mesmo agora, mesmo depois de suas tramas e traições, avó Wexen ofereceria a paz. – A sombra pontilhada das árvores deslizou pelo seu rosto enquanto ela erguia os olhos para o céu. – A Divindade Única de fato é misericordiosa.

Pai Yarvi bufou. Koll mal podia acreditar em como ele aparentava não ter medo.

– Mas imagino que a misericórdia dela tenha um preço, não é?

– Todas as estátuas dos Deuses Altos devem ser quebradas e a Divindade Única deve ser adorada por todo o Mar Despedaçado. Todo vantserlandês e gettlandês deve pagar um tributo anual ao Ministério. O rei Uthil e o rei Gorm deverão deixar as espadas aos pés do Rei Supremo em Skekenhouse, pedir perdão e fazer novos juramentos.

– Os antigos não se sustentaram.

– É por isso que você, mãe Scaer e o jovem príncipe Druin permanecerão como reféns.

– Hmmmmmm. – Pai Yarvi bateu no queixo com o dedo mirrado.
– É uma linda oferta, mas o verão em Skekenhouse costuma ser meio calorento.

Uma flecha passou perto do rosto de Koll, tão perto que ele sentiu o vento na pele. Ela acertou silenciosamente o líder dos guerreiros no ombro, logo acima da borda do escudo.

Mais flechas voaram da floresta. Um homem gritou. Outro agarrou a flecha cravada no rosto. Koll saltou para pai Yarvi e o arrastou para trás do tronco grosso de uma árvore sagrada. Vislumbrou um guerreiro atacando-os com a espada erguida. Então Dosduvoi surgiu, enorme feito uma casa, e com um giro de seu grande machado arrancou o sujeito do chão e o fez voar para longe numa chuva de folhas mortas.

Sombras se retorceram, estocando, cortando, derrubando as oferendas e as fazendo balançar. Depois de alguns instantes sangrentos, os homens de mãe Adwyn tinham se juntado ao rei Fynn do outro lado da Última Porta. Seu capitão estava de joelhos, ofegante, com seis flechas alojadas na cota de malha. Ele tentou se levantar usando a espada como muleta, mas a força vital estava se esvaindo.

Fror adentrou a clareira segurando o machado pesado. Ele abriu gentilmente a fivela do elmo com acabamento de ouro do capitão. Era uma bela peça e renderia um bom dinheiro.

– Você vai lamentar isso – sussurrou o capitão, com sangue nos lábios, o cabelo grisalho grudado na testa suada.

Fror assentiu devagar.

– Já estou lamentando.

Ele golpeou o capitão no cocuruto, derrubando-o com os braços abertos.

– Pode me deixar ficar de pé agora – disse pai Yarvi, dando um tapinha na cintura de Koll.

O jovem percebeu que tinha coberto o ministro com o corpo, como uma mãe faria com um bebê numa tempestade.

– O senhor não podia ter me contado o plano? – perguntou, levantando-se.

– Você não pode revelar o que não sabe.

– O senhor não confia que eu seja capaz de representar um papel?

– A confiança é como vidro – interveio Rulf, prendendo seu grande arco de chifre no ombro e estendendo a mão enorme para ajudar Yarvi a se erguer. – É linda, mas só um idiota coloca muito peso em cima.

Guerreiros endurecidos de Gettland e Vansterland tinham cercado a clareira de todos os lados e mãe Adwyn era uma figura solitária no meio. Koll quase sentiu pena dela, mas sabia que isso não seria bom para nenhum dos dois.

– Parece que minha traição foi melhor do que a sua – comentou Yarvi. – Por duas vezes sua mestra tentou me ceifar, no entanto aqui estou.

– Você é conhecido pela traição, aranha. – Mãe Adwyn cuspiu um sumo roxo aos pés dele. – E quanto a seu terreno sagrado do Pai Paz?

Yarvi deu de ombros.

– Ah, ele é misericordioso. Mas pode ser sensato pendurar você nessas árvores e cortar sua garganta como oferenda, só para garantir.

– Faça isso, então – sibilou ela.

– A misericórdia tem mais poder do que o assassinato. Volte para avó Wexen. Agradeça a ela pelas informações que você me deu, pois serão úteis. – Ele indicou os mortos já sendo puxados pelos pés para serem pendurados nos galhos do bosque santo. – Agradeça a ela por essas ricas oferendas aos Deuses Altos. Eles sem dúvida vão apreciá-las.

Pai Yarvi se aproximou dela de repente, os lábios repuxados para trás. A máscara de mãe Adwyn caiu e Koll a viu sentir medo.

– Mas diga à Primeira dos Ministros que eu mijo na oferta dela! Fiz o juramento de me vingar dos assassinos do meu pai. Um juramento solar e um juramento lunar. Diga a avó Wexen que enquanto ela e eu vivermos não haverá paz.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

